



A COBERTURA DA MÍDIA NA FESTA DE PARINTINS

Mayara Gasparoto Mendes¹

RESUMO: Partindo do clichê de que a mídia é um forte meio de manipulação, essa pesquisa tem como finalidade analisar a cobertura on-line que o jornal Folha de S. Paulo realizou em relação à Festa de Parintins em 2004. Essa festa apareceu como tema do trabalho por ser uma das maiores festas folclóricas do país (a maior da Região Norte). O fator que determinou a escolha do ano foi a cobertura da festa. Em 2004, foi feita a melhor cobertura em termos folclóricos, justificando assim a escolha. A pesquisa é do tipo bibliográfica e analítica. A análise das matérias foi realizada levando em consideração os estudos da Folkcomunicação. Conclui-se que há certa deformidade na maneira com que o jornal Folha de S. Paulo retratou a Festa de Parintins no que se refere à sua configuração como elemento folclórico.

PALAVRAS-CHAVE: Festa de Parintins; Folha de S. Paulo; Folkcomunicação.

INTRODUÇÃO:

Essa pesquisa explicita a maneira como a Folha de Online retratou a Festa de Parintins em 2004. Foram identificados elementos massivos e elementos culturais dentro das matérias. Essa análise das matérias leva em consideração a teoria da Folkcomunicação e pesquisadores como Luiz Beltrão e José Marques de Mello. De acordo com essa teoria, o bumba-meu-boi é o auto popular de maior divulgação no Brasil. O auto popular narra a história de Mãe Catirina e Pai Francisco. Para satisfazer o desejo de comer língua de boi, da mulher grávida, Pai Francisco mata o boi que o patrão mais apreciava (sem saber dessa preferência). Em seguida, o dono do boi descobre e fica enraivecido, por isso ordena que encontrem o responsável pela morte do animal. Depois de um certo tempo e dedicação, conseguem ressuscitar o boi e com isso encerra-se a confusão.

A Festa de Parintins tem sempre em seu enredo uma crítica social, isso vem desde a época de sua criação, em 1964. No começo, a manifestação mostrava a luta do negro escravo por sua libertação. Nos dias atuais, essa festa continua com seu caráter crítico e isso fica visível nas caricaturas e fantasias presentes na festa.

Este auto é considerado o auto que melhor expressa a crítica do povo, o que possui maior conteúdo jornalístico.

Luís da Câmara Cascudo, estudioso da cultura brasileira, afirma que “o bumba-meu-boi é sempre atual, incluindo soluções modernas, figuras de agora, vocabulário, sensação, percepção contemporânea. Na época da escravidão mostrava os vaqueiros escravos vencendo pela inteligência, astúcia e cinismo”.

¹ Acadêmica do 2º ano do Curso de Jornalismo. Centro Universitário de Maringá - CESUMAR, Maringá - PR. mayah_gasparoto@hotmail.com

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é do tipo bibliográfica e analítica. Foi elaborada em cima das matérias publicadas na Folha Online, em 2004. Elas foram disponibilizadas no mês de junho(mês em que acontece o Festival de Parintins). Foram coletadas as matérias que possuíam conteúdo direcionado aos elementos folclóricos da festa. Livros de Luis Beltrão, Marques de Melo e Nestor Garcia Canclini embasaram a pesquisa. Após a seleção das matérias, foi efetuada a análise em cima das mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise das três matérias, dos dias 15, 28 e 30 de junho, percebi que alguns elementos dentro da Festa denunciavam o caráter massivo que ela adquiriu. O patrocínio da Coca-Cola desde a época em que a festa se expandiu, deixando de ser local, pode ser citado como exemplo dessa massificação da festa. Outra prova de massificação é a mistura existente entre os elementos folclóricos antigos e os atuais.

Além do aspecto massivo das matérias, outro ponto chama a atenção: a disparidade de informações em relação a quantidade de habitantes e a distância até a cidade de Manaus. Na primeira matéria, afirma-se que Parintins é uma cidade de cem mil habitantes e está distante de Manaus cerca de quatrocentos e vinte quilômetros. Mas esses dados são contraditos na terceira matéria, onde a jornalista afirma que a cidade possui setenta mil habitantes e está a trezentos e vinte e cinco quilômetros de Manaus.

CONCLUSÃO

Depois de analisar as três matérias sobre a Festa de Parintins de 2004, pude concluir que o massivo acaba se sobrepondo à cultura popular ou folclórica. Esse tipo de predomínio ocorre nas três matérias analisadas.

A primeira matéria, do dia 15 de Junho, é praticamente um guia turístico da cidade de Parintins. Levando em consideração que não é contada a história da rivalidade entre os dois bois e não há explicação dos outros personagens que compõem a festa (embora sejam citados) fica explícita a massificação no conteúdo.

Na segunda matéria, do dia 28 de Junho, da jornalista Carla Nascimento fala sobre um filme que está usando o Festival de Parintins como cenário. O massivo se destaca nessa ambientalização do filme no Festival de Parintins. Há uma mistura entre o real e o não real para fornecer a falsa impressão de que tudo aquilo é real.

A terceira e última matéria, do dia 30 de junho, da mesma jornalista, também deixa clara a massificação da festa pelo veículo. O que indica isso é a produção do documentário inglês que tem Parintins como um dos cenários. De acordo com a produtora executiva do filme, Luciana Boal Marinho, a intenção do filme não é apenas mostrar a festa, mas fazer com que o espectador se sinta inserido nela. Fazer a utilização do povo como eixo condutor é fazer com que as pessoas que estão assistindo sintam-se no lugar das pessoas que estão sendo apresentadas. A demonstração de personagens comuns possibilita essa aproximação com as pessoas que estão no papel de expectadores. Ou seja, eles tentam colocar o povo desconhecido como personagem principal de modo que pareça que aquilo é o popular, sendo que isso é apenas uma falsa impressão para conseguir uma venda maior.

A mistura de elementos antigos do folclore das regiões e histórias atuais também comprova essa massificação. Tentam passar uma falsa imagem de que tal fato está ocorrendo devido a alguma coisa folclórica e utilizam festas populares para se aproximar da realidade popular.

REFERÊNCIAS

Artigo da Revista Eletrônica PCLA, vinculada a Universidade Metodista de São Paulo. <http://www2.metodista.br//unesco/PCLA/revista15/revista15.htm> (visitado no dia 10 de junho de 2007).

BELTRAO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

MARQUES DE MELO, José. Mídia e folclore. Maringá/ São Bernardo do Campo: faculdades Maringá/ Cátedra UNESCO. UNESP: 2001.